



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOÃO WILLIAN DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO
FÍSICA SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUA
IMPLEMENTAÇÃO NA ESCOLA**

FORTALEZA

2021.1

JOÃO WILLIAN DOS SANTOS

PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO
FÍSICA SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUA
IMPLEMENTAÇÃO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Educação Física
do Instituto de Educação Física e Esportes,
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Venâncio

FORTALEZA

2021.1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S235p Santos, João Willian dos.

Percepção dos(as) estudantes e professores(as) de Educação Física sobre as práticas corporais de aventura e sua implementação na escola / João Willian dos Santos. – 2021.
43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Luciana Venâncio.

1. Práticas Corporais de Aventura. 2. Educação Física. 3. Formação Inicial. I. Título.

CDD 790

JOÃO WILLIAN DOS SANTOS

PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO
FÍSICA SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUA
IMPLEMENTAÇÃO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Educação Física
do Instituto de Educação Física e Esportes,
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Aprovada em: 20/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Venâncio (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dtda. Liana Lima Rocha
Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC)

Prof. Mtda. Yasmin Gonçalves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEF/UFRN)

Dedico esse trabalho aos meus pais, meus irmãos(ãs), namorada, minha orientadora, ao professor Alex Soares Marreiros Ferraz e a todas as famílias que foram afetadas de alguma forma nesse contexto pandêmico da COVID-19.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial a minha mãe, Ana Lourdes Menezes, que sempre esteve presente em todas as fases da minha vida, me apoiando a estudar, e seguir em frente.

Ao meu pai, João Cardozo dos Santos, por inspirar sobre os valores da humildade, da responsabilidade, do caráter e honestidade, e todo o suporte.

Aos meu irmão e minhas irmãs, por todos os momentos que vivemos próximos e distantes nessa caminhada que é a vida, vocês me inspiram a ser alguém melhor a cada dia.

À minha namorada, Naiara Costa Martins, a qual sempre esteve ao meu lado, sendo companheira e incentivando a continuar nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores e professoras do Instituto de Educação Física e Esportes – IEFES, pelos ensinamentos, os quais contribuíram na minha formação.

Aos amigos, da vida, da formação e do *BMX*, que posso compartilhar experiências e momentos.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio, ao qual participei do Programa de Residência Pedagógica (RP), no qual tive oportunidades únicas que contribuíram para minha formação.

Ao professor Luiz Sanches Neto e a professora Luciana Venâncio, orientadores e responsáveis pelos dois núcleos que o curso de Licenciatura em Educação Física foi contemplado, aos(as) professores(as) preceptores(as) de todas as escolas que visitei, em especial a Andrea Lima Girão e ao Deyve José da Silva Vidal, compartilhando suas experiências e conhecimentos aos(as) alunos(as) que fizeram parte da RP durante os 18 meses.

As professoras Liana Lima Rocha e Yasmin Gonçalves, que além de contribuírem fazendo parte da banca examinadora, ajudaram com suas sugestões no decorrer do trabalho e na construção do instrumento de coleta de dados.

E, em especial à minha orientadora, professora Luciana Venâncio, que aceitou fazer parte dessa jornada, que é a construção desse trabalho e oportunizando a conclusão deste sonho. Obrigado!

RESUMO

Este estudo foca no conteúdo Práticas Corporais de Aventura (PCA), proposto pelo documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que indica os conteúdos que devem ser abordados na Educação Física Escolar. O objetivo foi investigar qual a percepção dos(as) estudantes e professores(as) de Educação Física têm em relação a implementação deste conteúdo em sua prática profissional. Buscando responder questionamentos como: Quais experiências pessoais esses profissionais tiveram antes da graduação? Quais disciplinas direcionam o aprendizado das PCA? Como implementar na Educação Física escolar? Esta pesquisa de abordagem qualitativa usou como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas. Os(as) colaboradores(as) da pesquisa foram 25 no total, sendo 4 estudantes e 21 professores(as) de Educação Física Licenciatura. Após a análise foi constatado que a maioria dos(as) participantes que tem interesse em implementar as PCA em sua prática docente, relata ter algum contato no âmbito pessoal e/ou acadêmico, outro fato importante que foi relatado é a falta de disciplinas específicas que tratam o tema. Concluímos que o estudo se mostrou relevante para entender como os(as) participantes criaram esse vínculo e aproximação com as PCA para sua futura atuação profissional, assim como identificamos algumas dificuldades que eles(as) relatam, bem como, algumas possíveis soluções que podem contornar tais problemas.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura. Educação Física Escolar. Formação inicial.

ABSTRACT

This study focus on Adventure Body Practices (ADP) content, proposed by the National Common Curricular Base, it indicates the subjects that must be approached in the School Physical Education. The aim of this study is to investigate the Physical Education professors and students perception about the adventure body practices applicability in their professional exercise, aim to answer the following questions about the subject: Which personal experiences, about the ADP, these professionals had before to graduate? Which subjects guide the ADP's learning? How to implement it in Physical Education classes? This research has a qualitative approach, using as research instrument questionnaires with multiple choice questions and open-ended questions. The contributors of this research were 25 in total: 4 students and 21 teachers of School Physical Education. With the results of this study notice that the majority has interests to aplicate the ADP in their classes and have been in contact with the practice in their personal life and/or in the academic field. Another important point is there is a lack of studies about the theme. This study concluded that the theme of ADP is relevant to understand how the participants of this research created a bond and approach with the ADP for their future professional exercise. Furthermore, some difficulties were identified by them, and some possible solutions to solve these problems.

Palavras-chave: Adventure Body Practices. School Physical Education. Initial formation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação geral dos esportes radicais	22
Quadro 2 - Perfil Demográfico dos(as) colaboradores(as)	27
Quadro 3 - Experiências profissionais dos professores(as)	29
Quadro 4 - Outros locais	32
Quadro 5 - Custos de materiais.....	32
Quadro 6 - Experiências acadêmicas, pergunta (1)	34
Quadro 7 - Experiências acadêmicas, pergunta (2)	34
Quadro 8 - Implementação das PCA, pergunta (1)	37
Quadro 9 - Implementação das PCA, pergunta (2)	38
Quadro 10 - Implementação das PCA, pergunta (3)	39

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Pedaladas Iniciais	9
O que pode ser aprendido? Como ensinar?	13
1 INTRODUÇÃO	15
2 OBJETIVOS.....	18
2.1 Objetivo geral	18
2.2 Objetivos específicos.....	18
3 QUADRO TEÓRICO	19
3.1 Documentos e propostas de uma Base Comum	19
3.2 Em busca de uma terminologia comum.....	21
4 PERCURSO METODOLÓGICO	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5.1 Experiências pessoais	30
5.2 Experiências acadêmicas	33
5.3 Implementação nas aulas de Educação Física escolar	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

APRESENTAÇÃO

Pedaladas Iniciais

Para entender um pouco da minha paixão por bicicleta e a sua influência na definição da temática do meu trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação Física, será preciso “pedalar comigo”! A minha lembrança mais antiga que tenho em mente, foi que consegui a minha primeira bicicleta entre seis ou sete anos de idade, na década de 1990 e como de costume, eu e minha família íamos passar o domingo na casa de uma tia da minha mãe.

Descíamos do ônibus em frente a uma loja qualquer, neste dia passando na entrada vi em destaque a bicicleta com uma placa de venda no valor de 30 reais. Era uma bicicleta usada que talvez o dono da loja estava se desfazendo. Se fosse hoje em dia seria considerado barato, mas naquela época 30 reais valiam muito mais que no atual ano de 2021.

Me lembro ainda hoje que eu chorei muito para meu pai comprá-la, porém acho que ele não tinha condições naquele momento e continuamos o caminho, ainda criança, eu não entendia o motivo de não poder levar aquela bicicleta para casa. Para minha surpresa, na volta ele comprou a bicicleta! Provavelmente meus pais contaram o motivo que eu cheguei chorando na casa da minha tia e ela deve ter dado o dinheiro, a bicicleta era da marca Caloi, modelo cecizinha amarela, aro 20.

O engraçado é que eu ainda não sabia andar de bicicleta, pois nunca tive a oportunidade de experimentar, nem mesmo com vizinhos que tivessem, não lembro se usei as rodinhas laterais para me ajudar no aprendizado, provavelmente sim, só lembro que meus irmãos se revezavam e empurravam enquanto eu tentava me equilibrar, até que um dia sem perceber, eu estava me equilibrando sem auxílio e estava pedalando sozinho, no início só andava em linha reta, algum tempo depois aprendi a fazer as curvas sem colocar o pé no chão e foi assim a minha experiência de aprendizado.

No decorrer dos anos após esse primeiro contato com a bicicleta eu comecei a conhecer os vídeo *games* e era comum eu ir em uma locadora que tinha na rua de casa, passava horas lá só olhando as pessoas jogarem o jogo do “Alex kidd” que vinha na memória interna do console *Master System* da época, quando ganhava alguns trocados eu pagava para jogar, o valor era algo em torno de 0,35 centavos por hora,

passei a conhecer diferentes locadoras no bairro, conhecendo novos jogos e pessoas que frequentavam aqueles espaços.

Os *consoles* foram evoluindo e assim meu interesse nos *games*, foi quando chegaram os jogos em mídia de *CD* que substituíam os tradicionais cartuchos ou “fitas”, como costumávamos falar, as locadoras já estavam substituindo seus *consoles* pelo primeiro *Playstation*, que se tornou o mais popular. Contextualizando o lançamento do *console* que foi em 1994 e provavelmente só veio a ser popularizado no Brasil alguns anos depois, no ano de 1998 já com quatro anos de lançado da nova geração, algumas lojas ainda tinham em seu estoque *consoles* da geração passada como *SNES (Super Nintendo Entertainment System)* e *Mega Drive* que ainda utilizavam cartuchos, os lojistas costumavam fazer promoções para venda do estoque antigo, aproveitando esse momento foi quando eu ganhei meu primeiro *console*, o Super Nintendo (*SNES*) popularmente conhecido.

Eu cresci alugando “fitas” para jogar nos fins de semana, pois os jogos ainda eram caros e depois de três anos após eu ter meu próprio vídeo *game* é que comecei a comprar jogos usados em feiras de rua ou em locadoras que estavam vendendo seus jogos antigos, sempre continuei indo a locadoras em busca de jogar os *consoles* mais atuais como o *Dreamcast* e o popular *Playstation 2* e aproveitava para perguntar se não tinham “fitas” de *SNES* a venda, fui comprando jogos por preços baratos na época, tinha uma coleção de dar orgulho, pensava em nunca me desfazer, chegando a ter 15 fitas consideradas as melhores daquele *console*, jogos como *Donkey Kong*, *Top Gear*, *The Legend of Zelda* e *Super Mario All Star*, eram jogos difíceis de se ter, pois normalmente quem possuía não vendia fácil.

Agora você deve estar se perguntando o porquê de eu mudar o assunto que antes era sobre bicicletas, para algo com *vídeo game*. Antes de responder preciso falar como conheci o *BMX* que é o foco principal da minha jornada com a bicicleta. A sigla *BMX* é derivada das palavras *Bicycle(B)* *Moto(M)* *Cross(X)*, apenas para esclarecer eventuais dúvidas sobre a última letra da sigla, o X vem adicionado por se parecer com uma cruz, que é a tradução da palavra inglesa *Cross*, outra linha defendida por alguns praticantes da modalidade é que o X seria uma abreviação de *extreme*.

A minha relação com *vídeo games* e o *BMX* se constituiu porque foi exatamente nos *vídeos games* que realmente conheci o esporte. Foi na era do *PlayStation* que o jogo do *skatista* profissional Tony Hawk ficou popular e no segundo jogo *Tony Hawks*

Pro Skater 2 que continha também uma versão de demonstração (DEMO) de um jogo que seria lançado em breve, esse jogo era o *Matt Hoffman's PRO BMX*, que também levava o nome do famoso piloto de *BMX* e produzido pela mesma produtora, quando foi lançado completo e tive a oportunidade de jogar, percebo na introdução do jogo, vídeos dos personagens (pilotos profissionais) fazendo manobras e conforme você finalizava o modo carreira de cada personagem, desbloqueava novos vídeos, foi aí que jogando e assistindo as manobras despertou meu interesse pela modalidade.

Tomei uma decisão muito difícil, que foi vender meu *vídeo game* e jogos para poder comprar uma bicicleta aro 20 apropriada para a prática do *BMX*, comprei uma bicicleta usada na feira do meu bairro, da marca *Pro-X* de cor cromada, não era a melhor para a modalidade, mas já dava para um iniciante aprender alguma coisa.

Eu estudava nos anos finais do ensino fundamental quando conheci alguns outros praticantes no meu bairro, comecei a andar com esse grupo em praças e nas ruas apenas. Nesse período não existiam pistas apropriadas para a prática da modalidade, fui aprendendo algumas coisas básicas e em pouco mais de um ano que eu estava com essa bicicleta, quando fui exatamente para uma locadora de *vídeo games*, deixei a bicicleta na calçada por cerca de 15 segundos para falar com amigos, quando voltei não vi mais nada, tinha sido furtada! Nos momentos iniciais queria acreditar que era uma brincadeira de alguém que escondeu, mas depois percebi que era real, perdi minha *bike*, fiquei muito triste naquele momento, pois sabia que não tinha como eu possuir outra tão cedo.

Por um longo tempo, mesmo sem *bike* eu mantinha contato com o *BMX* e sempre no final do ano acontecia um evento tradicional em Fortaleza, era o “*Kamikaze*” campeonato realizado na pista do Jacú (terreno local que também tinha um campo de futebol) no bairro do Antônio Bezerra em Fortaleza, esse campeonato era da modalidade *Dirt Jump*, que são obstáculos construídos em areia, geralmente de forma manual. Era um campeonato de nível amador, que vinham atletas de vários estados do Brasil para prestigiar o evento.

Nesse momento eu apenas admirava o esporte, pois não tinha *bike* e por conhecer alguns pilotos pessoalmente, sempre que possível me emprestavam a bicicleta para dar umas pedaladas, mas nada comparado ao nível dos praticantes daquele local, até tentei montar uma *bike* nova, porém não era bem resistente para praticar essa modalidade específica.

Posteriormente em um momento de eleições, nossa pista do bairro, que já tinha um campeonato tradicional acontecendo todo ano, foi destruída por um possível candidato a vereador que sem nem investigar o que eram aqueles obstáculos construídos no local, ordenou que fossem destruídas e prometeu construir uma praça no local. Algum tempo depois, os responsáveis pela criação daquele local “Manim” e “Tonhão”, através de um contato com Marcio Andrade que conhecia um professor da UFC, conseguiram autorização para usar o espaço do lado da pista de atletismo do Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES, era por volta do ano 2007, no local, havia uma vasta extensão de matagal e com a possibilidade de se tornar a nova pista de treino dos praticantes do *BMX*.

Os organizadores apesar de conhecerem os riscos de segurança referente as redondezas do bairro, aceitaram e construíram a nova pista que durou cerca de 2 anos, cheguei a ir assistir um campeonato naquele local sem nem sonhar que um dia iria estudar Educação Física ali, depois a pista também foi destruída após uma tentativa de invasão de populares, que achavam que os praticantes de *BMX* estavam se apossando do terreno.

Em meio a toda essa trajetória com e sem *bike* em diferentes momentos, foi apenas no final do ensino médio que consegui um emprego e conciliando os estudos, pude comprar as peças novas e montar uma *bike* mais apropriada para todas as modalidades.

As peças do *BMX* sempre tiveram preços elevados, mesmo as marcas nacionais sendo mais acessíveis naquele período, eram mais pesadas comparadas com outras marcas importadas.

No presente ano de 2021, as poucas marcas nacionais que ainda existem podem ser consideradas de igual qualidade as marcas importadas, pois muitos produtos são produzidos fora do país, geralmente as marcas têm tido a tendência de apenas construir o *designer* das peças e enviam o projeto para fabricação no exterior, cortando custos e se preocupando apenas em distribuir.

Sempre gostei de andar de *bike* e foi no *BMX* que conheci vários amigos que preservo até os dias recentes, nunca tive a pretensão de ser um competidor na modalidade, nem de querer aprender todas as “manobras”, levo a modalidade como forma de lazer, mas ainda assim é muito bom aprender um movimento diferente e a sensação de fazê-lo ou torcer quando um outro praticante consegue sucesso em sua “manobra”.

Durante os anos no curso de Educação Física, descobri as Práticas Corporais de Aventura e vejo nesse conteúdo a possibilidade de apresentar modalidades diferentes das tradicionais, apresentando o *BMX* como um possível conteúdo para minha prática docente no futuro.

O que pode ser aprendido? Como ensinar?

No contato e vivência em cima de uma bicicleta independente da modalidade esportiva, seja o *BMX* ou a bicicleta de passeio como meio de locomoção, é essencial e comum o praticante aprender coisas básicas como a manutenção da bicicleta, essa manutenção não se limita apenas ao uso da bicicleta, podemos incluir outras modalidades urbanas que necessitam de algum equipamento com rodas (*skate*, patins, patinete).

Nesse caso relato algo próximo da minha modalidade, coisas como saber calibrar os pneus, montar e desmontar, lubrificar as peças, remendar um furo na câmara de ar ou substituir, até mesmo aprender a pintar sua própria bike, um desafio a mais para quem tiver um maior interesse e vivência, pode aprender a montar um aro completo de uma bicicleta (tarefa mais complexa), essa é uma das últimas tarefas que eu busquei aprender, através de tutorias em vídeo disponíveis em plataformas como o *YOUTUBE*, fui aprendendo de forma teórica e coloquei em prática usando meus próprios equipamentos.

Essas habilidades irão sendo aperfeiçoadas com o tempo e nem sempre será executada com perfeição, mas é certo que a cada tentativa é possível aprender algo novo e melhorar o resultado, é importante ter esse contato com a manutenção da bicicleta, pois nem sempre teremos uma oficina disponível. O recomendado é sempre sair com ferramentas básicas de manutenção na mochila, principalmente se estiver indo para um local longe de casa.

Em uma situação real de manutenção como por exemplo, o pneu furar durante um percurso, tente procurar primeiro um local seguro, de preferência um posto de combustíveis, pois teoricamente é um local movimentado e possivelmente tem um calibrador de pneus que ajudará na calibragem final dos pneus, caso contrário, se você tem uma bomba de ar manual poderá resolver seu problema, porém sempre é apropriado calibrar os pneus de forma correta. Esse relato é apenas um exemplo de saberes práticos que a bicicleta pode trazer de conhecimento, podendo servir de base

para no decorrer de uma possível sequência de aulas de Educação Física Escolar (EFE), apresentar o *BMX* e suas variações de modalidades.

Ensinar nas aulas de Educação Física é um desafio, pois antes de pensar na perspectiva do ciclista, essas mesmas habilidades de manutenção básica do equipamento se estendem a outras modalidades sobre rodas como o *skate*, patins e patinete que são as mais famosas no meio dos esportes radicais, será algo específico que somente a vivência do indivíduo com aquele equipamento podem fazer com que melhore e consiga evoluir na manutenção e manuseio.

A função do(a) professor(a) poderia ser de criar situações no contexto das aulas de EFE e direcionar a importância de aprender essas habilidades, assim como dialogar sobre questões como: preconceito, risco, gênero, racismo, entre outros.

Além disso, o que torna pertinente para explorar é o gosto individual de possíveis praticantes e apresentar as diferentes formas de práticas sobre rodas nas aulas de EFE. Há uma vasta possibilidade de situações que podem ser criadas, como por exemplo, ser apresentados vídeos de modalidades pouco conhecidas no meio escolar e estimular os(as) alunos(as) a compartilhar equipamentos que tenham em casa, para os(as) colegas terem a oportunidade de experimentar.

Essa é apenas uma possibilidade que almejo implementar no futuro como docente, mas no campo das Práticas Corporais de Aventura (PCA) serão inúmeras as possibilidades, seja na natureza e/ou urbanas.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar (EFE) tem passado por diversas transformações ao longo dos anos, desde a década de 1980 em diante, vários autores(as) têm contribuído para melhorar o ensino e direcionar os conteúdos que a disciplina deve tratar na escola. Uma obra que pode ser considerada clássica para essas transformações é o livro “Metodologia do ensino da Educação Física”, que já na década de 1990 buscou as respostas de “o que é Educação Física?”.

Algumas respostas carecem de uma teorização mais ampla sobre os fundamentos da Educação Física escolar, como por exemplo: a) Educação Física é educação por meio das atividades corporais; b) Educação Física é educação pelo movimento; c) Educação Física é esporte de rendimento; d) Educação Física é educação do movimento; e) Educação Física é educação sobre o movimento. (SOARES *et al*, 1992, p. 33)

Os(as) autores(as) expõem alguns significados que poderiam responder à pergunta naquele momento e em seguida mesmo que de forma provisória dão o seu significado a mesma pergunta:

No presente trabalho, provisoriamente, diremos que a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. (SOARES *et al*, 1992, p. 33)

Como ponto de partida para o entendimento dos conteúdos que a EFE deve abordar nas aulas, podemos considerar que o jogo, esporte, ginástica e dança são considerados conteúdos clássicos da área e como uma novidade em relação a estes conteúdos que continuam a permear as aulas de EFE se encontra as Práticas Corporais de Aventura (PCA), indicado no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Segundo Franco, Tahara e Darido (2018), as PCA tem sido uma ferramenta que amplia as possibilidades do turismo, assim como de diversificar os conteúdos da mídia no geral, seja na tv ou em revistas e até em propagandas comerciais. Os(as) autores(as) ainda comentam que esse crescimento de interesse nessas práticas é refletido na inserção de algumas modalidades nos Jogos Olímpicos.

Especialmente após os Jogos do Rio em 2016, com a inclusão pelo Comitê Olímpico Internacional das modalidades de Surfe, Escalada e Skate na edição dos próximos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020 (FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018, p. 67).

Atualizando os dados citados, o *BMX Freestyle* também teve sua estreia nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020. Todavia, em virtude da pandemia mundial de Covid-19, os Jogos foram adiados para 2021.

Comentando da experiência de acompanhar as modalidades *Skate* e *BMX Freestyle* na transmissão de Tv aberta, só foi possível acompanhar a modalidade do *Skate*, possivelmente por ter brasileiros competindo e pela tradição maior nos meios midiáticos.

Paralelo a isso o *BMX Freestyle* não tinha nenhum(a) atleta brasileiro(a) e a única opção de assistir era em canal pago. Ambas são praticadas em pistas e obstáculos parecidos, como nas modalidades *Street* e *Park*, teoricamente seria possível haver a competição de *BMX* e *Skate* na mesma pista de *Park*, cito apenas esta pois não houve competição de *BMX Street*.

Cada competição foi realizada em uma pista diferente, ou seja, três pistas: *Street* (skate), *Park* (skate) e outra de *Park* (*BMX*), considerando os fatos ocorridos é possível supor que faltou um pouco de diálogo entre as Federações que estão gerenciando essas competições, pois a exemplo de comparação, alguns eventos famosos como *X-games*, *Dew tour* e *Simple Session* costumam usar uma mesma pista para diferentes esportes e modalidades.

Os resultados dessas modalidades foram positivos entre os(as) brasileiros(as), o Brasil ganhou três medalhas de prata no *Skate*, com Kelvin Hoefler e Rayssa Leal no *Street* e Pedro Barros no *Park*, ainda tivemos duas representantes na final do *Skate Park* feminino Dora Varella (7° colocada) e Yndiara Asp (8° colocada). No surfe Ítalo Ferreira ganhou medalha de ouro e Gabriel Medina terminou em 4° colocado após disputar a medalha de bronze, ao fim dos Jogos é natural que a busca e interesse por estas e outras PCA seja maior entre jovens e crianças.

Sendo assim, partindo da ampla divulgação das modalidades de PCA e o possível interesse delas por parte dos(as) alunos(as), justifica-se a implementação deste conteúdo nas aulas de Educação Física escolar. Possivelmente tenhamos resistência tanto por parte dos(as) professores(as), como dos(as) alunos(as) que estão habituados com a “imagem” de Educação Física apenas como meio de ensinar modalidades esportivas tradicionais, por exemplo: futebol, futsal, vôlei, basquete, handebol, entre outras. É preciso quebrar esse paradigma que infelizmente ainda está enraizado no cotidiano escolar, ampliar além dos esportes tradicionais, com as outras

unidades temáticas: brincadeiras e jogos, danças, lutas e PCA que é o foco desta pesquisa.

As PCA ainda que tratadas com diferentes terminologias, já vêm sendo apontadas em trabalhos científicos no contexto da Educação Física Escolar, trabalhos estes que poderão servir de base para o(a) professor(a) entenda diferentes aspectos que poderão ser tratados nas aulas. (ALVES e CORSINO, 2013; ARMBRUST e SILVA, 2012; BOCCHINI e MALDONADO, 2014; FRANÇA, 2021; GONÇALVES, J. *et al*, 2020; PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008; TAHARA e DARIDO, 2016; GONÇALVES, Y. *et al*, 2021; ALVES e ROCHA, 2021)

Em estudo que analisa as propostas curriculares estaduais é possível considerar que as PCA tem sido pouco utilizado nas aulas de Educação Física no Brasil:

Foi possível constatar por meio da análise das Propostas Curriculares Estaduais de Educação Física, que as PCA (ainda) são um tema pouco utilizado e sugerido pelos documentos oficiais dos Estados brasileiros. O conteúdo referente às PCA apareceu apenas em 6 propostas estaduais, entretanto, de maneira mais bem sistematizada e organizada, somente em 2 destes documentos. (FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018, p. 72)

Os(as) autores(as) indicam que há poucos documentos ou Propostas Curriculares Estaduais que apontam as PCA como conteúdo previsto para o ensino da Educação Física, em uma interpretação menos aprofundada, poderia se justificar a não-implementação desse conteúdo apenas com essa informação, porém temos que considerar outros fatores. Será que a formação inicial/continuada está abordando de forma eficaz as PCA para o trabalho na escola? Existe preconceito da direção escolar ou até das famílias dos(as) alunos(as) em incentivar tais práticas devido a questão do risco que envolve? Os(as) professores(as) terão o material necessário para a implementação?

Sabendo de algumas possíveis dificuldades, essa pesquisa busca tentar identificar como os(as) estudantes universitários(as) e professores(as) se relacionam com esse conteúdo, procuramos identificar a percepção dos(as) participantes e a relação de suas vivências pessoais e acadêmicas para o possível interesse ou não das PCA em sua prática profissional.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a percepção que os(as) estudantes universitários(as) e professores(as) de Educação Física Licenciatura têm em relação a implementação das PCA nas aulas de EFE.

2.2 Objetivos específicos

I - Identificar quais as PCA que os(as) participantes tiveram em suas vivências pessoais e no âmbito escolar.

II - Verificar se os(as) participantes da pesquisa tiveram algum contato com disciplinas relacionadas às PCA em sua formação acadêmica.

III - Analisar a percepção dos(as) estudantes universitários(as) e professores(as) a respeito das PCA como possibilidades de implementação nas aulas de EFE.

3 QUADRO TEÓRICO

Buscando conhecer mais sobre as PCA, no primeiro tópico será descrito brevemente do histórico de documentos mais recentes no contexto brasileiro, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) e BNCC (BRASIL, 2018). No segundo tópico, expor algumas das diferentes terminologias existentes até o momento e dialogar sobre os diferentes ambientes que a BNCC (BRASIL, 2018) propõe, relacionando modalidades praticadas na natureza e urbana.

3.1 Documentos e propostas de uma Base Comum

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 26, a mesma dispõe sobre o dever de ter uma base nacional comum para a educação básica no Brasil, que deve servir como orientação para os conteúdos das diversas áreas de ensino, dentre essas, está o ensino de Educação Física nas escolas: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996, n.p).

Posterior a criação da lei citada, um dos primeiros documentos que tinha propostas de implantar uma base nacional comum, foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), que indicam três blocos de conteúdo: esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas; Conhecimentos sobre o corpo:

Os três blocos articulam-se entre si, têm vários conteúdos em comum, mas guardam especificidades. O bloco “Conhecimentos sobre o corpo” tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si (BRASIL, 1997, p. 35-36).

Ainda no documento é apresentado os temas transversais – Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual – que devem se articular com todas as disciplinas, inclusive na Educação Física. Para a proposta de implementação das PCA, com base neste documento, é possível criar uma relação entre meio ambiente com esportes de aventura, contemplando um bloco com um tema em uma mesma aula. Essa associação direta inicialmente apenas com os aspectos

de preservação do meio ambiente era comum, e foram abordados em estudos que tratavam o tema. (BETRÁN e BETRÁN, 1995; INÁCIO, 2006; RODRIGUES e DARIDO, 2006; ZIMMERMANN, 2006)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que dispõe sobre o conjunto de práticas relativas à aprendizagem essencial em todas as etapas do ensino comum, na área de Educação Física encontramos além das tradicionais temáticas de brincadeiras e jogos, danças, esportes, lutas e ginásticas, podemos visualizar um novo conteúdo, as “Práticas Corporais de Aventura”, nomenclatura que já vem sendo utilizada por alguns(as) autores(as). (INACIO *et al*, 2016; FRANÇA, 2020; GONZALEZ *et al*, 2017; GONÇALVES, J. *et al*, 2020; TAHARA e DARIDO, 2016; FRANCO, TAHARA e DARIDO, 2018).

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018) podemos entender as PCA como

[...] Práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas (p. 218).

Em complemento a essa diferenciação com base no ambiente de prática, Gonçalves, Y. *et al*. (2021, p. 14) classificam as PCA “como atividades corporais terrestres, aquáticas, aéreas, urbanas e de natureza, classificadas de acordo com o local para a realização da prática.”, a priori podemos supor que algumas PCA são praticadas apenas em seus respectivos ambientes de origem, na natureza e urbanas. Porém é importante entender que as PCA se transformam e se adaptam a qualquer local, seja na natureza ou no meio urbano, como aspiram os(as) professores(as) implementando dentro da escola, visto que a possibilidade de levar os(as) alunos(as) a uma área externa podem gerar maiores dificuldades.

A diferenciação indicada na BNCC (BRASIL, 2018), não poderá ser considerada como totalmente certa, sendo que podem haver variações de uma mesma modalidade como é o caso da escalada de montanha e *indoor*, *BMX Street* e *Dirt*, *Base jump*, *parkour* e o surfe que é possível ser praticado em uma piscina de ondas artificiais, estes são apenas alguns exemplos.

O *parkour* tem como inspiração, o método natural de George Hébert que consiste em deslocar-se imitando alguns gestos de animais por exemplo, transpondo

obstáculos naturais (pedras, árvores e locais que necessitem abaixar), fazendo uso de quadro apoios, em complemento com o treinamento militar de Raymond Belle, David Belle juntando esses conhecimentos e técnicas cria na França uma nova prática no meio urbano, o *Le Parkour*. (ALVES e CORSINO, 2013)

A temática relacionada às PCA de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018) está prevista como conteúdo indicado a partir do 6º ano do ensino fundamental e se estende até o ensino médio. Porém não significa que está limitado a ser incluído apenas nestas turmas e faixa etária do ensino. Apesar de estar expressamente prevista na BNCC, as PCA encontram algumas dificuldades em sua aplicação no ambiente escolar, são elas, a falta de estrutura adequada e a falta do incentivo a práticas não convencionais no ambiente escolar, como citado a seguir:

[...]muitos professores possuem grandes dificuldades para desenvolver tais práticas em suas aulas, por falta de conhecimento teórico, prático, técnico ou mesmo de experiências pessoais. Sendo assim, essas práticas são deixadas de lado no planejamento escolar, dando lugar a conteúdos que os professores possuem maior domínio (FRANÇA, 2016, p. 30).

Ciente de tais dificuldades em inserir os novos conteúdos “cruzar os braços” não deve ser a reação ideal a ser tomada pelos(as) professores(as), será necessário engajamento do(a) professor(a) em oportunizar essas novas práticas aos(as) seus(suas) alunos(as), despertando novas vivências, reflexões e aprendizados (TAHARA e DARIDO, 2016).

Pensando em uma solução viável os(as) autores(as) comentam que “Em alguns casos, o próprio professor tem algum tipo de material (ou empresta de conhecidos) por já possuir relativa experiência na modalidade, e aí consegue adaptar uma situação que possibilite aos alunos experimentar algo novo.” (TAHARA e DARIDO, 2016, p. 128).

É importante mencionar que a formação inicial e/ou continuada dos(as) professores(as), assim como, trabalhos que divulguem relatos de experiências poderão servir como exemplos a serem analisados e estudados para implementar.

3.2 Em busca de uma terminologia comum

Nesse tópico apresentarei os diferentes termos utilizados por vários(as) autores(as) e tentar dialogar sobre eles, como exemplos: “Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN)” por Betrán e Betrán (1995); “Esportes sobre rodas” por

Bocchini e Maldonado (2014); “Esportes radicais, de aventura e ação” por Pereira, Armbrust e Ricardo (2008); “Esportes Radicais” em Uvinha (2001) e Armbrust e Silva (2012); “Atividades de aventura” por Zimmermann (2006) e “Práticas Corporais de Aventura” em Tahara e Darido (2016) e Franco, Tahara e Darido (2018) entre outros.

Essas são apenas algumas terminologias usadas no campo acadêmico, existem outras, percebe-se que anterior a criação da BNCC o termo “radical” era mais utilizado, tentando se alinhar as indicações do documento e fazendo uma busca de artigos publicados após a BNCC em bases de artigos *online*, é comum encontrar o termo “Práticas Corporais de Aventura” geralmente ligados à Educação Física Escolar, mas não significa que devemos excluir os demais. O fato é que independente do termo utilizado podemos concluir que os diversos autores(as) falam dos mesmos tipos de práticas corporais, seja ela competitiva ou não.

Segundo o documento da BNCC (BRASIL, 2018, p. 218) “[...] optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas”. Pereira, Armbrust e Ricardo (2008) que usam o termo “Esporte Radical” propõem uma classificação geral dessas modalidades, dividindo em esportes de aventura e ação, e o local daquela prática:

Quadro 1 - Classificação geral dos esportes radicais

ESPORTES RADICAIS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surf, windsurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyonning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, vôo livre
Terrestre	Bungee Jump, sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); mountain bike (down hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de Aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins in line, bike (trial, bmx)	Le parkour

Fonte: (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008, p. 28)

Esses autores comentam que as modalidades apresentadas podem sofrer transformações e novos significados, nessa perspectiva podemos fazer uma diferenciação e definição resumida dos autores, sendo os esportes de ação geralmente acompanhados de algum tipo de “manobra” e os esportes de aventura mais ligado a incerteza do percurso.

Em consonância com essas possíveis mudanças vamos citar o caso do *parkour*, que em sua essência é uma prática não competitiva e tem como principal objetivo percorrer ou traçar um percurso da melhor maneira possível (ALVES e CORSINO, 2013). Desde a criação até os dias atuais, há um debate entre os praticantes do *parkour*, há os que defendem a criação de eventos ou competições que servem como meio de divulgar a prática e alcançar novos olhares, e os praticantes que defendem que não se deve modificar sua essência.

Algumas competições foram se tornando comuns e uma das maiores é o evento anual chamado “*Art of Motion*” patrocinado por uma famosa empresa de bebida energética, podemos encontrar vídeos na base de dados do *YOUTUBE* sobre estes eventos disponibilizados e transmitidos de todos os anos que ocorreram.

Voltando à proposta da BNCC (BRASIL, 2018, p. 218-219) encontramos exemplos de modalidades com base na diferenciação do ambiente:

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, *arborismo* etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, *skate*, patins, *bike* etc.

Os dois ambientes, natural e urbano, a princípio poderiam ser excludentes um do outro, mas conforme dito anteriormente é possível essa transformação de significados em algumas modalidades, seja uma modalidade que geralmente é praticada no meio natural, seja uma que é predominantemente urbana ser praticada em ambiente natural. Sobre o ambiente natural e o conceito de natureza tradicional os autores comentam:

Quando o pensamento complexo coloca a necessidade da reaproximação do ser humano ao ambiente natural, entendemos que o ambiente natural para quem nasceu numa cidade é a área urbana, ainda que não neguemos o quanto é agradável e importante ter momentos em que se sai da cidade para outros lugares como as praias, o campo, as montanhas. (ARMBRUST e SILVA, 2012, p. 290)

Ainda que encaremos as diversas dificuldades de implementar as PCA no ambiente escolar, a priori a falta de espaço adequado, materiais e equipamentos caros, o(a) professor(a) de Educação Física já enfrenta esses problemas em aulas tradicionais, terá um desafio maior no caso das PCA, algumas soluções são indicadas, como o uso das tecnologias atuais (*videogame*, computadores, vídeos e etc...) podem servir de ponto de partida para apresentação inicial.

O *parkour* pode ser praticado no espaço da escola ou até mesmo dentro de uma sala ampla com o uso de cadeiras, mesas e arcos servindo de obstáculos, o(a) professor(a) poderá indicar as principais técnicas utilizadas na modalidade, outra estratégia é convidar praticantes de algumas modalidades para as aulas, como *skate*, *BMX*, patins *inline* e patinete, para mostrarem dentro da quadra algumas “manobras” e ao fim da apresentação dar a oportunidade de os(as) alunos(as) fazerem perguntas e experimentarem os equipamentos dos(as) possíveis convidados(as), e sinalizando aos(as) alunos(as) sobre os riscos e cuidados que devem ser tomados para prevenir possíveis acidentes, além do auxílio do(a) professor(a), quando necessário.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O seguinte estudo é de natureza qualitativa, com caráter exploratório-descritiva, segundo Gil (2002, p. 133) a pesquisa qualitativa é, “[...] processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.”

Este tipo de pesquisa é importante devido ao fato de explorar questões particulares a fim de compreender determinado fenômeno. Segundo Minayo (2001, p. 22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O instrumento da pesquisa foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado aos(as) estudantes do curso de Educação Física (Licenciatura) e professores(as) formados, as perguntas buscaram identificar e analisar a percepção que esses têm sobre a implementação das PCA nas aulas de EFE.

Os(as) colaboradores(as) da pesquisa foram os(as) estudantes universitários(as) e professores(as) de Educação Física, inicialmente a ideia era limitar a participação a quem fosse matriculado(a) ou tivesse concluído o curso em Instituição localizada em Fortaleza e/ou Região Metropolitana, para verificar um recorte mais regional sobre o assunto, porém pelo fato do convite a pesquisa ter sido realizado por meio de aplicativo de mensagens (*WhatsApp*), não tínhamos o controle total de onde poderia chegar o questionário e conseqüentemente obtivemos alguns/algumas participantes de outros estados.

O instrumento foi composto por um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o(a) participante concordando, passaria para a próxima pergunta que era identificar se o(a) participante era estudante universitário(a) ou professor(a) “recém-formado(a)”, apenas respondendo uma das opções é que seria possível prosseguir para as perguntas direcionadas a pesquisa, caso contrário a pesquisa encerrava-se.

O instrumento de coleta de dados foi disponibilizado de forma *online*, respondido individualmente pelos participantes, com perguntas abertas e fechadas relacionadas as suas vivências nas PCA. Os questionamentos foram elaborados com

o direcionamento a responder os objetivos específicos do estudo, separando em três eixos:

- 1) Experiências pessoais com as PCA
- 2) Experiências acadêmicas
- 3) Possibilidades de implementação nas aulas de EFE.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O instrumento da pesquisa ficou disponível e recebendo respostas durante duas semanas aproximadamente, ao final obtivemos 26 respostas, sendo 4 estudantes universitários(as), 21 professores(as) e 1 resposta foi excluída por não se enquadrar em nenhuma das categorias, totalizando 25 colaboradores(as).

Na primeira seção os colaboradores(as) eram direcionados a perguntas semelhantes para identificar dados demográficos, resumidos no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Perfil Demográfico dos(as) colaboradores(as)

Pergunta	Estudantes universitários(as) (4)	Professores(as) (21)
Qual a idade?	De 20 até 39 anos.	De 21 a 49 anos.
Como você se identifica em relação a sexo/gênero?	2 masculinos e 2 femininos.	11 masculinos, 9 femininos e 1 não-binário.
Qual a sua etnia/raça/cor? (De acordo com opções do censo demográfico (IBGE).)	2 se consideram pardos(as) e 2 brancos(as).	8 participantes se identificam como Pretos(as), 7 pardos(as) e 6 Brancos(as).
Qual semestre está cursando no momento? (para estudantes)	Cada participante está cursando um semestre diferente, terceiro, sétimo, oitavo e nono semestre.	Não se aplica.
Em que instituição está cursando Licenciatura em Educação Física? (para estudantes)	Os(as) 4 estudantes são da Universidade Federal do Ceará – UFC	Não se aplica.
Em que ano concluiu a graduação no curso de Educação Física Licenciatura? (para professores(as))	Não se aplica.	2001 (1), 2004 (1), 2009 (1), 2010 (1), 2014 (1), 2017 (4), 2018 (4), 2019 (3), 2020 (1), 2020.1 (1), 2021 (2) e 2021.2 (1).

<p>Em que instituição cursou Licenciatura em Educação Física? (para professores(as))</p>	<p>Não se aplica.</p>	<p>Centro Universitário Católico de Quixadá (2) Faculdade Regional da Bahia – UNIRB (1) Universidade Estadual do Ceará – UECE (3) Universidade Federal do Ceará – UFC (7) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2) Universidade Vale do Acaraú – UVA (2) Universidade de Fortaleza – UNIFOR (1) Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais – Unileste (1) Universidade Metropolitana de Santos – FEFIS (1) Centro Universitários Salesiano de São Paulo – UNISAL (1)</p> <p>Nota: algumas respostas originalmente foram colocadas em formato de siglas e tivemos a liberdade de procurar o nome completo da</p>
--	-----------------------	---

		instituição de ensino para inserir neste quadro.
--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

Esse quadro foi exposto na intenção de mostrar a diversidade de colaboradores(as) que responderam à pesquisa, identificaremos os mesmos no decorrer do texto apenas com uma letra maiúscula e um número definido pela ordem que recebemos as respostas, ilustramos como nesse exemplo: Estudante 1 será abreviado para E1 e Professor(a) 1 para P1 e assim sucessivamente conforme o número de cada participante.

Em seguida e direcionada apenas a professores(as) foi feita uma pergunta relacionada a experiências profissionais daquele grupo, utilizou-se o termo “Professores(as) recém-formados” pois inicialmente tínhamos a intenção de coletar respostas apenas de professores(as) com até cinco anos que concluíram a graduação, porém como exposto no quadro anterior, tivemos professores(as) que já estão formados desde 2001 até recentes no presente ano de 2021.

E nesse contexto de entender melhor quem são esses(as) profissionais direcionamos a pergunta exclusiva apenas aos(as) professores(as), assim conhecemos um pouco de cada um(a) e suas trajetórias diversas. Dentre as diferentes experiências na área por parte dos(as) professores(as) destacamos alguns relatos, no quadro 3:

Quadro 3 - Experiências profissionais dos professores(as)

Você já trabalhou ou trabalha atualmente como professor(a)? Descreva um pouco suas experiências.
Atuei como professor de <i>skate</i> no projeto atletas do futuro do SESI e na realização de projetos de extensão envolvendo orientação, escalada, rapel e <i>mountain bike</i> com estudantes universitários.” (P2)
No momento, não estou trabalhando. Todas as minhas experiências na área estão ligadas diretamente a minha vivência acadêmica (aulas teóricas/práticas e estágio supervisionado)” (P10)
Estou trabalhando como professora, atualmente, mas também sou estudante universitária do bacharelado e mestrado. Minhas experiências na educação básica, como professora, têm sido no modelo "remoto", mas com adaptações daquilo que vimos e acredito ser o mais fiel aos saberes da educação física escolar. Cada escola tem sua forma de gerir, uma em que não há tanta autonomia do(a) professor(a), mas as outras duas, sim. Elas são

organizadas em envio de situações de aprendizagens pelo grupo da sala pela manhã e em outro horário há um encontro virtual pelo <i>meet</i> . (P11)
Atuo no ensino básico, fundamental séries finais, numa escola particular. o maior desafio foi adaptar as atividades para o ensino remoto e em seguida para o ensino híbrido em tempos de pandemia. Esportes coletivos e algumas atividades ficaram restritas. (P14)
Estou há um ano trabalhando em uma escola de ensino fundamental, do infantil ao 9º ano. (P21)
Iniciarei em sala de aula em breve, acabei de ser convocada pelo Estado. (P9)

Fonte: elaborada pelo autor

Nas experiências citadas identificamos a presença de uma maior proximidade com as PCA no relato de P2, a iniciação no contexto profissional nos relatos de P21 e P9, as experiências exclusivamente acadêmicas em P10 e aproximando da realidade atual no contexto pandêmico da COVID-19 do início de 2020 até o atual momento em 2021, esse novo contexto de aulas remotas e os desafios enfrentados pelos(as) professores(as) nos relatos de P11 e P14.

A partir desse momento no questionário direcionamos as mesmas perguntas independente da classe do respondente, procuramos identificar quais participantes tiveram o maior contato com as PCA durante suas vivências antes, durante e após a formação em Educação Física, assim sendo separadas em eixos temáticos: experiências pessoais, acadêmicas e implementação nas aulas de Educação Física escolar, como serão expostos em cada tópico a seguir.

5.1 Experiências pessoais

No início desta seção de perguntas fiz uma apresentação sobre as PCA que estariam presentes nas Olimpíadas de Tóquio 2020, imaginando que um possível participante nunca tenha tido qualquer contato com essa temática, ainda que as modalidades apresentadas fossem exclusivamente competitivas e chamadas também pelo termo “esporte radical” preferimos manter essa informação pois se tornava bem atual para o momento que passavam, mas deixamos claro ao final do enunciado que existem outros tipos de PCA.

A primeira pergunta era relacionada a quais práticas os participantes tiveram antes de ingressar no curso de Educação Física, foram citadas: *bike, skate, surf, rapel, escalada, arvorismo, trekking, rafting, canoagem, tirolesa, mountain bike, parkour, slackline, patins e BMX*. Diante das diversas modalidades relatadas percebemos que a grande maioria teve algum tipo de experiência, mesmo que de forma breve. De todos(as) os(as) participantes 8 disseram não ter tido nenhum contato e um(a) deles(as) relatou que tinha interesse:

Não. Sempre tive interesse em aprender algumas modalidades (skate, patins street, surf), porém fui desestimulada quando criança por conta do risco de possíveis acidentes e, acredito eu, pelo fato de ser mulher. Sim, quando criança ainda era latente essa ideia de "coisa menino e coisa menina. (P10)

No relato acima percebemos as exclusões sofridas pelas mulheres, ao não serem incentivadas para determinadas práticas corporais, esse problema de aceitação já vem sendo constatada a algum tempo, tanto em modalidades esportivas, nas PCA citadas ou na vida social das mulheres.

A discriminação e o preconceito, enraizados em nossa sociedade, procuraram privar, por muito tempo, a participação das mulheres em muitas das discussões de ordem político-econômico-social, provocando, também, um certo impedimento quanto ao seu real engajamento em diversas manifestações culturais. Entre essas manifestações, situa-se o esporte, sem dúvida um dos fenômenos culturais mais significativos no mundo contemporâneo. (UVINHA, 2001, p.59)

Uvinha (2001), questiona homens praticantes de *skate*, sobre a pouca participação das mulheres na modalidade, justificativas comuns dita por eles eram: “perigoso”, “machuca”, “rala”, “canelas roxa”, “é difícil”, além de todos esses termos citados, tem o preconceito já enraizado sobre essa modalidade específica, que não é vista com bons olhos.

Existe um pouco de receio para a aderência de algumas PCA, pelo fato de envolver algum tipo de risco ao praticante, porém o risco pode existir em qualquer modalidade tradicional por contato físico, traumas mais profundos por boladas, quedas e escorregões, etc. (INÁCIO et al, 2016)

Para os que responderam “sim” sobre experimentar as PCA antes do ingresso no curso de Educação Física, a partir das respostas identificamos em que locais predominou essa vivência, indicamos três opções iniciais de respostas: “na escola em aulas de Educação Física”(0), “clubes, praças e parques”(7), “outros locais”(9) e “não pratiquei”(9).

O quadro 4 a seguir indica alguns desses “outros locais” citados:

Quadro 4 - Outros locais

“Outros locais” (opção aberta para indicar qualquer local) foi dito
Espaços Público e os Centros Urbano de Cultura, Arte, Ciência e esportes (CUCA's)
Natureza
Foi durante uma trilha de caminhada para serra de Maranguape em 2 momentos diferentes. Um para Serra Maranguape e outro serra de Guaramiranga. E o interessante era que o professor era de Geografia e não EF. O objetivo era conhecer localidades geográficas.
Fora da área urbana
Em escolinha de surfe local (titanzinho).
Trabalhando no segmento de turismo de aventura
Na natureza: em áreas rurais
Na praia
Praças, rua, condomínio

Fonte: elaborada pelo autor

Perguntados se conhecem alguém que pratique alguma PCA e se essa proximidade gera um possível interesse em experimentar, todos(as) que disseram “sim” confirmam que gera essa vontade de inserir-se em alguma PCA, antecipando a próxima pergunta alguns participantes relatam o alto custo de materiais relacionados as práticas.

Na última pergunta é feito uma relação de algumas PCA com o alto custo de materiais, os(as) participantes relatam em suas respostas que já tiveram interesse em alguma prática, porém impedidos pela dificuldade financeira. As respostas estão no quadro 5:

Quadro 5 - Custos de materiais

Sobre o alto custo de materiais
Sim. Quando era adolescente com 15 anos queria fazer <i>Surf</i> , mas por falta de orientação e apoio financeiro para comprar a prancha acabei por não fazer.” (E2)
Sim. O interesse foi devido à exposição nas mídias, e o espírito aventureiro, mas infelizmente o custo alto impossibilitou essa vivência.” (E4)

Sim, sou praticante de canoagem, porém sempre quis fazer paraquedismo, mas a condição financeira não permitiu ainda.” (P4)

No mountain bike, a minha bicicleta nunca foi “Ótima”, portanto a participação em Competições e eventos maiores não ocorriam. A montagem da bicicleta para participar de competições em busca de resultados no início foi um problema que só se resolveu há cerca de 5 anos. Outro tipo de impedimento que percebo é quando os locais de prática começam a cobrar “ingresso”, daí além do custeio dos equipamentos que vão possibilitar praticar com bastante tempo, se o local cobra valores abusivos para poder acessá-los para praticar acaba diminuindo a quantidade de experiências envolvendo essas modalidades. (P2)

Fonte: elaborada pelo autor

Nos relatos, se confirma que em suas trajetórias tiveram interesse por alguma PCA, mas algumas modalidades específicas não são facilmente adaptadas, as vezes só a proximidade com alguém conhecido, familiar por exemplo, é a oportunidade de vivenciar.

No caso de P2 que relata uma certa prática do *mountain bike* é possível interpretar que o alto custo dos materiais o impediu de tentar competições em busca de alguma possível vida de atleta na modalidade, outra coisa interessante nesse relato é a falta locais públicos para os treinos, no relato era cobrado para usar um determinado espaço de treino, provavelmente um local particular.

5.2 Experiências acadêmicas

Nesta seção do questionário foram feitas perguntas direcionadas apenas a formação acadêmica dos(as) colaboradores(as), o objetivo foi identificar se existe alguma disciplina direcionada exclusivamente ao ensino das PCA ou nomenclatura semelhante, assim como, descrever de forma ampla como outras disciplinas tratam essa temática em suas aulas, seguindo o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) A grade curricular do seu curso tem ou teve alguma disciplina direcionada ao ensino das PCA? Se sim, descreva se cursou ou pretende cursar?
- 2) Considerando todas as disciplinas e estágios concluídos na graduação, descreva como foi abordado esse conteúdo, seja em aula teórica ou prática. Caso tenha alguma experiência de observação em estágios ou aplicação de aula fique à vontade para incluir.
- 3) A formação inicial tem possibilitado saberes sobre as PCA? Justifique.

Na pergunta (1) dos(as) que responderam “sim” complementaram indicando que é uma disciplina obrigatória na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ainda que tratada com nomenclatura diferente. Sendo optativa na Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade de Fortaleza (UNIFOR) verificada nesses relatos no Quadro 6:

Quadro 6 - Experiências acadêmicas, pergunta (1)

A grade curricular do seu curso tem ou teve alguma disciplina direcionada ao ensino das PCA? Se sim, descreva se cursou ou pretende cursar?
Sim. Uma disciplina obrigatória, acho, Modalidades Esportivas Alternativas. Cursei e cursaria novamente, foi ótima! (P9)
Teve sim, fizemos <i>slackline</i> e práticas adaptadas de PCA. (P17)
Sim, tive uma disciplina obrigatória chamada Modalidades Esportivas Alternativas 2 que contemplava Esportes Radicais e de Aventura. A experiência foi excelente, abordando algumas modalidades (não tinha como incluir todas). Dentre elas, algumas que poderiam ser aplicadas na escola teórico/prático adaptado e outras somente teórico. (P10)
Sim! Mas era optativa e o horário não me permitiu participar (...). (P8)
(...) como optativa, a disciplina de práticas corporais de aventura. mas não consegui cursar por conta dos horários e vagas restritas. (P14)

Fonte: elaborada pelo autor

Na pergunta (2) pedimos para que relatassem de forma ampla como foi apresentado as PCA em diferentes disciplinas, seja em aulas teóricas ou práticas. Alguns(algumas) relatam participação em Programas de Bolsas De Incentivo à Docência (PIBID, Residência Pedagógica), estágios e oficinas, conforme o Quadro 7:

Quadro 7 - Experiências acadêmicas, pergunta (2)

Considerando todas as disciplinas e estágios concluídos na graduação, descreva como foi abordado esse conteúdo, seja em aula teórica ou prática. Caso tenha alguma experiência de observação em estágios ou aplicação de aula fique à vontade para incluir.
Durante o Programa Residência Pedagógica tive contato direto com algumas PCA, tanto na prática como teórica, pois ficamos responsáveis de elaborar uma oficina com o tema. As experiências foram muitas enriquecedoras, além de proporcionar debates e curiosidades entre os temas. (P12)
Pude levar para as aulas no PIBID práticas que aproximassem os alunos da experiência no surfe, usando plataformas de equilíbrio (balance board) com alunos do 9o ano. (P14)

Tive contato com essa temática na disciplina de currículos e de didática, porém, bem superficial. Mas no último estágio tive um contato mais aprofundado, pois a professora da escola deu esse conteúdo para seus/suas alunos(as), então pude conhecer um pouco mais na prática. (P21)
Foi falado, mas muito pouco. No estágio os professores mesmo com dificuldades (relacionadas à falta de material e conhecimento na formação inicial) eles ministravam aulas, muitas vezes utilizando o jogo e brincadeiras como metodologia. (P15)
Especificamente em alguns trabalhos de colegas que faziam em projetos de extensão. (P7)
PCA oficina prática. (P3)

Fonte: elaborado pelo autor

Em alguns relatos identificamos que as PCA não foram tematizadas em nenhum momento da formação, tentamos identificar algum padrão que fosse possível justificar essas respostas, entre os(as) estudantes chamou a atenção de que três estavam em semestres próximos da formação e mesmo assim apenas diz ter tido esse conteúdo somente de forma teórica, “Normalmente e abordado de forma teórica dentro das disciplinas de planejamento de aula e pautas da BNCC (Base nacional curricular)” (E2), já no caso dos(as) professores(as) três foram bastante enfáticos em dizer que não tiveram nenhum contato com esse tema em sua formação, um(a) deles(as) é formado desde 2001 o que poderia ser uma justificativa, mas os outros dois são formados desde 2017 e 2021, datas que podemos supor que poderiam já ter incluído de alguma forma as PCA diretamente ou com alguma outra terminologia usada.

Na terceira e última pergunta (3) dessa seção, perguntados se a formação inicial tem possibilitado saberes sobre as PCA. Por parte dos(as) estudantes foram unânimes em afirmar que “não” como na resposta de E2 que diz “A meu ver não. Nunca tinha nem pensado nisso até responder essa entrevista”. A maioria dos(as) professores(as) disseram que “não”, mas em alguns relatos justificam que os cursos ainda estão em processo de adaptação de seu currículo e indicações que a BNCC aponta, e são otimistas que estão se atualizando. Entre os(as) participantes que responderam “sim”, vários relatos falam que saem para o campo profissional tendo uma ideia inicial e direcionamento, mas as vezes é o interesse individual que vai ser marcante para o melhor aproveitamento das PCA.

Algumas iniciativas são destacadas em dois relatos afirmando que programas como o de Bolsas de Iniciação à Docência tem sido uma importante ferramenta para o aperfeiçoamento profissional.

Acredito que não, observei durante esse processo pouquíssimas discussões sobre os temas na teoria e não lembro de vivenciar nenhuma prática durante todas as disciplinas cursadas, exceto no Programa RP. (P12)

Não se pode generalizar quanto à grade curricular, mas quando é sobre estágio supervisionado obrigatório e/ou PIBID e/ou RP, de acordo com as minhas experiências, o trabalho de professores(as) na educação básica têm revelado saberes sim, tanto para estudantes na graduação e da instituição escolar. (P11)

Esses dois relatos que citam o programa de Residência Pedagógica (RP) podem ser compreendidos com mais detalhes na pesquisa de Gonçalves *et al* (2021), a partir das experiências de bolsistas de RP, na qual analisaram os planos de aula produzidos pelos(as) residentes, para identificar como as práticas de aventura se articulam com o conteúdo esporte e a temática ambiental.

5.3 Implementação nas aulas de Educação Física escolar

Nesta seção final do instrumento de pesquisa tentamos direcionar perguntas relacionadas a possível implementação de aulas sobre as PCA na EFE, visto que podemos relacionar as experiências pessoais e acadêmicas dos(as) colaboradores(as) para a construção de saberes que podem servir de base para atuação profissional no âmbito da implementação da temática nas aulas, dito isto seguimos o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) Você considera possuir saberes para implementação das PCA na escola?
Se sim. Como esses saberes foram elaborados? Descreva um pouco.
- 2) O conteúdo Práticas Corporais de Aventura é bastante amplo, com diversas possibilidades de implementação em aulas de Educação Física, possibilitando o uso do ambiente da natureza e/ou urbano. Você como futuro(a) professor(a) pretende aplicar esse conteúdo?
- 3) Quais as possíveis dificuldades para ensinar as PCA nas aulas de Educação Física Escolar? Descreva possíveis meios de contornar tais dificuldades.

Nos relatos sobre a pergunta (1) identificar dois grupos, os(as) que dizem “não” e complementam com a insegurança de dar aulas sobre as PCA e os(as) que mesmo dizendo “sim” na maioria dos relatos, é identificado a individualidade de muitos em procurar se aperfeiçoar em sua formação continuada.

Os(as) estudantes foram unânimes no fator “insegurança” como mostra em um dos relatos. Os relatos dos(as) professores(as) foram mais otimistas na grande maioria, vejamos no Quadro 8:

Quadro 8 - Implementação das PCA, pergunta (1)

Você considera possuir saberes para implementação das PCA na escola? Se sim. Como esses saberes foram elaborados? Descreva um pouco.
Não. Nem ministraria. Se assim quisesse, precisaria fazer uma especialização para ter a coragem de fazer uma intervenção com segurança. (E2)
Sim. A partir das experiências pessoais anteriores, associado aos conteúdos relacionados durante a formação de professores de Educação Física, torna-se possível fazer ajustes para implementar qualquer prática corporal que se deseje.” (P2)
Sim, através de uma gama de conhecimento adquirido quando trabalhava com turismo de aventura, após isso com um pouco de pedagogia e estudos, através de alguns educativos e uso de materiais alternativos eu consegui trabalhar esse conteúdo no contexto escolar” (P5)
Sim, através das experiências que obtive no PET Educação Física da UFMS, conheço o mínimo sobre as modalidades de aventura e já tive a chance de abordar esses temas na escola onde trabalho. Infelizmente, a covid não me permitiu eu ir além da teoria, mas me sinto preparada para criar projetos de construção e adaptação de ambientes para PCA. (P6)
Sim. Acredito que a excelente experiência acadêmica voltada para essas práticas tenha me feito refletir e ampliar o olhar para tais modalidades. Nas aulas da graduação foram apresentados artigos científicos que abordavam essas temáticas. Também foi através de troca de conhecimento entre professor e aluno. Alguns alunos eram praticantes de alguns dos esportes que seriam abordados na disciplina e agregaram o seu conhecimento prático nas aulas. (P10)

Fonte: elaborado pelo autor

Na maioria das respostas de professores(as) podemos identificar que a individualidade de experiências no âmbito pessoal contribuiu positivamente para esse otimismo e segurança em trabalhar com esse conteúdo, em complemento a essa suposição os mesmos relatam a importância da formação inicial em direcionar a prática pedagógica. Conclui-se que essa construção de saberes relacionado as PCA são um misto de experiências individuais de cada participante, ou seja, os conhecimentos se complementam.

Uma indicação para os(as) professores(as) de EFE é que procurem o aprimoramento de seus conhecimentos, identificar-se com um certo conteúdo com maior afinidade é natural no processo de formação, mas que saibam ser autônomos em aprimorar-se nas diversas possibilidades dos conteúdos, para assim não acontecer o inverso do que já foi citado anteriormente, nesse caso os papéis se invertam e optemos por implementar aulas priorizando somente as PCA, mas devemos saber diversificar a prática pedagógica.

A segunda pergunta (2) foi mais direta e objetiva, os(as) participantes pretendem aplicar esse conteúdo em suas aulas, na somatória geral dos(as) participantes 23 afirmam que pretendem usar as PCA em suas aulas, ainda que alguns/algumas afirmem que precisam se aprofundar mais no assunto, outros dizem já usar algumas modalidades como *parkour* e *skate*, por exemplo, e em algumas respostas eles(as) citam possíveis estratégias conforme Quadro 9:

Quadro 9 - Implementação das PCA, pergunta (2)

O conteúdo Práticas Corporais de Aventura é bastante amplo, com diversas possibilidades de implementação em aulas de Educação Física, possibilitando o uso do ambiente da natureza e/ou urbano. Você como futuro(a) professor(a) pretende aplicar esse conteúdo?
As principais estratégias envolveriam uma manipulação aos equipamentos, orientação técnica para manuseio e utilização, realização de atividades lúdicas e simulados na própria escola. (P2)
Sim, com materiais adaptados, além de adaptações nas práticas feitas na escola, e se possível, levar a algum ambiente externo. (P21)
Algumas vivências de PCA foram exploradas no meu fazer pedagógico. Lembro-me que utilizando o <i>parkour</i> , arborismo e <i>slackline</i> foram os mais utilizados. Pois consegui em forma de circuitos na própria escola com o prédio escolar antigo, algumas árvores favorecendo em sua arquitetura essas práticas. (P8)
Sim. Podemos fazer com que os alunos vivenciem os conteúdos teóricos, buscando o conhecimento prévio dos próprios alunos sobre o tema e logo em seguida discutindo a história e paradigmas, com o conteúdo em desenvolvimentos podemos elaborar algumas experiências corporais próxima das práticas, observando algumas dificuldades encontradas com falta de material. Contudo, com algumas dificuldades ainda assim é possível com que os alunos vivenciem os conteúdos. (P12)

Fonte: elaborado pelo autor

No relato de P21 é indicada a adaptação de materiais e o uso das dependências da escola, e abre a possibilidade de uma possível aula externa, P8 descreve uma experiência prática no uso das dependências da escola, e P12 dá uma

ênfase maior no conhecimento prévio dos(as) alunos(as), assim como os paradigmas que envolvem essas atividades que geralmente são associadas ao “risco”.

Algo que chamou a atenção nessa mesma pergunta foi que duas respostas disseram que não aplicariam em suas aulas, fomos tentar cruzar informações anteriores para entender possíveis motivos disso.

O(a) participante, que não identificaremos nesse momento para garantir ainda mais seu anonimato na pesquisa, é formado desde 2004, não teve nenhuma disciplina direcionada as PCA, mas quando perguntado sobre a formação inicial ter possibilitado saberes sobre as PCA, ele disse apenas “sim”, o(a) participante está formado a 17 anos. Rossi e Hunger (2012) analisam as etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física, no presente estudo as autoras analisam com base no referencial teórico de Huberman (2000), para identificar as várias fases de formação propostas por ele.

Este participante se enquadraria na fase de diversificação ou questionamentos (7-25 anos), em contra partida o(a) outro(a) participante que relatou nenhum interesse em trabalhar as PCA no futuro de sua prática docente, é formado a exatamente 7 anos e na análise de suas respostas foram identificadas várias experiências negativas: I) Não ter tido nenhuma disciplina relacionada; II) Não ter praticado nenhuma PCA em sua vivência pessoal e acadêmica. Essa não identificação conseqüentemente dificulta a implementação das PCA na EFE, desse modo enfatizamos a importância dos cursos de formação oferecerem experiências de aprendizagens sobre essas práticas.

Na última pergunta (3) buscamos perceber o que poderiam ser as principais dificuldades encontradas na implementação das PCA nas aulas. Foram encontrados muitos fatores repetidos e já citados até o momento neste trabalho, ao invés de repeti-los vamos apenas expor alguns relatos, e que complementam descrevendo uma possível forma de contornar essas problemáticas, no Quadro 10:

Quadro 10 - Implementação das PCA, pergunta (3)

Quais as possíveis dificuldades para ensinar as PCA nas aulas de Educação Física escolar? Descreva possíveis meios de contornar tais dificuldades.
Infraestrutura, possibilitar táticas adaptadas (E1)
Acredito que falta de conhecimento por parte de professores e currículo escolar restrito. (E3)

Questão material, trabalhar com atividades que podem gerar lesões e problemas aos atletas, e a quebra de preconceitos de algumas modalidades que são marginalizadas ou elitizadas. (E4)
Dificuldades: medo; estrutura sucateada (publica) são fatores mais gritantes. Acredito que um bom professor que se interesse pela prática e esteja preparado para dar aula resolve os problemas, pois algumas práticas não precisam de material. (P1)
Materiais de segurança e local para a prática. (P16)
Acredito que a não experiência por parte do(a) Professor(a) dificulte, assim como os materiais e locais de prática. Mas uma possível saída para isso, seria pesquisas sobre o assunto no qual quer desenvolver, encontrar um meio de levar materiais adaptados ou emprestados, ou, se não for possível, jogos eletrônicos com essa temática também seria válido. (P21)
(...) em tempos pandêmicos, para o ensino presencial, podem ser excelentes modalidades, visto que não exigem contato. o desafio maior torna-se adaptação de materiais e a segurança. (P14)

Fonte: elaborado pelo autor

Os diversos relatos mostram um panorama geral do desafio que é implementar não apenas as PCA, mas qualquer outro conteúdo nas aulas de EFE. A adaptação de materiais é algo que a curto prazo é muito bom, mas não o ideal, devemos lutar por melhorias no contexto das aulas como um todo. No contexto atual em que ainda estamos vivendo em meio a pandemia da COVID-19, com aspirações de uma possível volta as aulas presenciais, analisar essas problemáticas poderão servir de busca para solucionar as dificuldades existentes, a adaptação e uso das tecnologias serão de grande ajuda nessa continuidade de transformações que vem sofrendo o sistema de ensino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, concluímos que a grande maioria dos(as) colaboradores(as) que responderam o questionário mostram interesse em implementar ou já implementam as PCA em suas aulas de Educação Física. A busca de informações de suas experiências pessoais e acadêmicas, podem ser consideradas fatores importantes para a reação positiva com o conteúdo em foco deste trabalho.

É importante salientar que mesmo com a limitação da pesquisa ter sido feita de forma totalmente *online*, ainda assim foi possível êxito nos objetivos propostos, cabe analisar a possibilidade de criar novas pesquisas com o caráter de relatos de experiências, convidar os(as) participantes em um momento futuro a detalhar suas práticas em relação ao conteúdo das PCA e sua implementação nas aulas de EFE.

Aspirando as transformações do currículo do curso de Educação Física (Licenciatura) e com os resultados mesmo sendo apenas um recorte no âmbito nacional, podemos deduzir que a formação inicial tem dado pouco prioridade a disciplinas relacionadas as PCA. Corrêa e Delgado (2021), identificam que dos currículos de formação inicial em Educação Física, cerca de 25% apenas, têm uma disciplina direcionada as PCA, isso incluindo Instituições públicas e privadas de todo o Brasil.

Visualizamos com otimismo essas possíveis mudanças, visto que poderão ocorrer nos próximos anos, tanto pela influência da própria BNCC, as Olimpíadas que foram uma vitrine para as PCA terem maior visibilidade, como pelo maior número de trabalhos acadêmicos que tratem desta temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O parkour como possibilidade para a Educação Física Escolar. **Motrivivência**, n. 41, p. 247-257, 2013.

ALVES, Paulo Tiago Oliveira; ROCHA, Liana Lima. O skate na educação física escolar: possibilidades colaborativas de aprendizagem. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-9, 2021.

ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade cultural: os esportes radicais na educação física escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 18, n. 1, p. 281-300, 2012.

BRASIL. Lei. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (versão final), 2018**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

BOCCHINI, Daniel; MALDONADO, Daniel Teixeira. Andando sobre rodas nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 26, n. 43, p. 277-286, 2014.

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Alberto Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts: educación física y deportes**, n. 41, p. 108-123, 1995.

CORREA, Evandro Antonio; DELGADO, Mônica. ATIVIDADES DE AVENTURA NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 8, n. 2, p. 114-135, 2021.

FRANÇA, Dilvano Leder de. **Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental**. 2016. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45271>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. **Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de educação física: relações com a Base Nacional Comum Curricular**. Corpoconsciência, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 66-76, jan./abr., 2018

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Jayson *et al.* Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar: uma análise nos periódicos nacionais. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.55858. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/55858>. Acesso em: 12 abr. 2021.

GONÇALVES, Yasmim; ROCHA, Liana; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. O Esporte na Natureza e a Sistematização das Práticas de Aventura na Educação Física Escolar. **Journal of Sport Pedagogy & Research**. 7. 12-22, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime *et al.* **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 2. ed. Brasília: Ministério do Esportes; Maringá: EDUEM, 2017.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. **Pensar a Prática**, v. 9, n. 1, p. 45-64, 2006.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 12, n. 1, p. 18-34, jan/jun 2008

RODRIGUES, Luiz Henrique; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 100, p. 12, 2006.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 323-338, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 93, p. 19, 2006.